
MARTA DE JESUS

OLIVEIRA, Álvaro. *Marta de Jesus (a verdadeira)* — porquê mais verdadeira que a outra? Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2014.

Laura Areias¹

Em *Marta de Jesus (a verdadeira)*, Álvaro Oliveira cria um cenário natural e humano na mais bela e mais recôndita das nove ilhas que acolhe o surgimento e o desenrolar do percurso, com as suas revolucionárias atribuições, de um punhado de esperançados num mundo de justiça e paz, liderado por um Salvador, de seu nome: o “Grupo de 60”. Nos homens, todos os nomes, parentescos, nascimentos, profissões ou atividades e ideais; nas mulheres, também os nomes, atribuições domésticas e familiares e comportamentos sociais têm um paralelo com a vida de Jesus Cristo. Como nos passos da paixão, há, neste percurso, traições, flagelações, prisões, um Herodes que lava as mãos em ambos sentidos, os trinta dinheiros ou contos, tribunal, juízes, condenação e mortes. Exceto milagres, com o que Álvaro Oliveira não transige. Emanuel Salvador, filho de um carpinteiro e de Maria Nazaré; a família dos irmãos Marta, Lázaro e Maria e a sua amiga e prostituta Madalena; um chefe iluminado, Pedro; os quatro cronistas da História do Movimento do Grupo, João, Tadeu, Lucas e Mateus; o homem dos pequenos contrabandos alfandegários, Judas, que acaba por se suicidar, — todos esses são os protagonistas de uma ação que decorre desde os alvares da Guerra colonial até ao 25 de Abril, numa ilha afortunada. Estes seres simples, que

¹ Investigadora do CLEPUL, Universidade de Lisboa.

são felizes com uma vaca, duas leiras e umas galinhas, sentem-se injustiçados com a natureza que os fustiga de invernias, solidão e escassez de comunicações, mas têm a capacidade de almejar a salvação da pátria, embora ninguém saiba como, nem o leitor. Talvez só Pedro. No seu estilo irónico a que já nos habituou, Álamo deleita-se e deleita-nos em comparações inesperadas fundadas num trivial quotidiano que contrasta com o insólito da situação, e com a Outra, para que ela aponta. Exemplifico: o desejo de beijar ao de leve um rosto como quem polvilha um prato de arroz doce (p. 124) ou, noutra lugar, “a noite caíra como quem coça urticária” (p. 110); ou, ainda, “o ‘Carvalho Araújo’ fundeou como um príncipe de calções” (p. 146). O autor costura duas inofensivas palavras que, combinadas, têm melífluas conotações, como aliás eu já havia notado, no XXI Colóquio da Lusofonia, Açores, 2014, pelo menos no seu penúltimo romance, — finalmente editado em 2013, depois de muitas acusações, — *Vinho de missa com murmúrios*. Quando o autor regista em *Marta de Jesus...* “o juiz abriu a pasta de calfe verdadeiro” (p. 141), é óbvio que o adjetivo cria uma redundância que desequilibra e provoca o riso porque lembra a contrafação, o fingimento, o poder financeiro da personagem e até o facto de ser nomeado um pormenor tão irrisório em pleno julgamento de um grupo de homens e mulheres inocentes, mentirosamente incriminados. Lembra Eça de Queirós ao intrometer o prosaico no trágico ou no sublime. Quando Emanuel Salvador foi ao barbeiro e ficou “com o ar de santinho *em estampa made in italy*” (p. 176), é criada uma situação linguística idêntica à que ocorre no seu embarque para o degredo e é beijado por Marta, ao dizer-lhe que não vale a pena gastar o seu perfume com ele: “estou impecavelmente lavado. Todo. Cheiro a *musgo real*” (p. 145). Não só a nomeação do lugar donde saem papas e santos, como a do sabonete, mas a própria referência ao “todo” *tout court*, levantará no leitor risos maldosos... e as saudades de inhames com linguíça sempre presentes... É pelo menos desconcertante a interferência abrupta do registo publicitário (sublinhados meus) no discurso que oscila entre o ficcional e o bíblico, o familiar e o erudito. Sem querer desvendar mistérios do livro para não tirar o sabor da descoberta, direi que Álamo não ressuscita Lázaro, embora muito instado... que, quando falta o vinho, e todos conscientemente “esperam” o milagre de Canaan, de facto as vasilhas enchem-se, mas porque Salvador fora à socapa buscar um vinho zurrapa ao vizinho (o leitor não é logo informado, fica em suspense... se se tratará de

milagre... mas o autor mais uma vez não transige com o sobrenatural. A revolução que os florentinos empreenderam aborta, como diz Marta muito seriamente, porque são ingénuos e crédulos. E todos voltam à sua pasmaceira com a liberdade possível que já tinham, e ao sonho de poder emigrar para a América (como nós?).

Mas o que me pareceu mais irónico, mordaz e divertido é o *happy end*: mais do que Salazar, seus juizes, seus esbirros, e seus “pides”, quem ali manda são os governadores locais açorianos, só para chatear o poder central de Lisboa, e a perceção pelo povo de “como todos eram capazes de trair os superiores só pelo gozo de os tornarem vulneráveis aos caprichos desse mesmo poder” (p. 174), — comentários ao autor e do próprio, suscitados no acima citado, XXI Colóquio da Lusofonia, em que Álamo Oliveira se apresentou, na qualidade de escritor e figura homenageada, e em que seu livro, acabado de ser dado à estampa, foi apresentado e largamente analisado e comentado pelos palestrantes.

E assim se explica a “Ressurreição ao terceiro dia” e a revolução das Flores (alusão também?..).

Lisboa, 17 de agosto de 2014

Data de recebimento: 25 de abril de 2014

Data de aprovação: 30 de maio de 2014